

SENSIBILIDADES E SUBJETIVIDADES NA ARTE DE PARTEJAR: MEMÓRIAS DE PARTURIENTES NO PIAUÍ, SÉCULO XX

Maria Arthuane¹

RESUMO: O presente artigo aborda memórias de mulheres a partir de setenta anos que conviveram com o antigo ofício de partos realizados por parteiras. As parteiras são personagens da história que merecem ter seus trabalhos e esforços contados por ampararem diversas mulheres ao longo dos anos. Partindo disso, nada melhor do que conhecer suas práticas a partir das memórias de mulheres assistidas e ajudadas por elas. Sendo assim, buscamos nesse artigo realizar uma análise de narrativas para que possamos compreender as técnicas e práticas desenvolvidas no ofício da parturição e problematizar as subjetividades dentro das relações femininas. A partir de entrevistas que foram apuradas em 2018, nas comunidades Salinas e São Bento, Piauí.

Palavras-chave: Parteiras; Mulheres; Sensibilidades; História; Memórias.

Considerações iniciais

O trabalho aqui feito surge inicialmente como requisito para obtenção de nota na disciplina de História e Memória, no eixo da graduação em História. A proposta da docente foi que realizássemos a construção de um artigo em que trabalhássemos, se possível, as memórias através da oralidade. A ideia de tratar das práticas das parteiras surgiu por essa não ser uma realidade tão distante da nossa, uma vez que nossas avós conviveram com as mesmas e crescemos ouvindo seus relatos. O que para nós, na época, não passavam de estórias, dentro da graduação ganhou uma nova roupagem ao percebemos seu valor histórico.

Torna-se necessário enfatizar que esse se trata de um trabalho acerca das memórias de mulheres que tiveram seus partos realizados por parteiras. Nosso objetivo é perceber em suas narrativas a representação construída sobre essas personagens e suas práticas, analisar as subjetividades de suas

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social - Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. Bolsista pela CAPES. E-mail: cycorvello@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7771911117591803>.

relações dentro da “comunidade feminina” e entender as sensibilidades presentes no processo de substituição das mesmas pelo saber médico voltado a instituição hospitalar. Para tanto, concordamos com os apontamentos feitos por Matos², no que se refere à construção da identidade dos sujeitos a partir das escolhas teóricas aplicadas na historiografia. Visando uma maior liberdade de contar-se, nosso aporte teórico, no que tange o trabalho com oralidade e memória, está principalmente voltado para os escritos de Le Goff,³ Paul Thompson⁴ e Spivak.⁵ Essas obras/autores nos norteiam a produzir uma pesquisa voltada a ouvir as fontes de uma maneira mais respeitosa, acerca da visão que possuem das suas trajetórias e de como transparecem seus processos de identidade ao longo de suas falas. Le Goff auxilia principalmente no trato da memória como fonte histórica, oportunizando uma história que perpassa o palpável. Thompson muito nos inspira na lida com relatos orais e sua imprescindível importância para o mapeamento dos acontecimentos históricos. E por último, mas de igual valia, buscamos em Spivak a consciência de que nossos estudos não são os portadores da voz de nossas fontes, e que, o trabalho na historiografia é muito mais sobre o ouvir do que sobre o questionar. As demais bases teóricas estarão sendo evidenciadas ao longo do desenvolvimento textual.

Temos como objetivo abordar memórias de um momento muito significativo na vida das mulheres aqui posteriormente citadas, os partos. E, principalmente, ressaltar os cuidados e preparos que conduziam os partos feitos por figuras de extrema importância neste contexto, as parteiras. A análise aborda entrevistas de mulheres que possuem mais de setenta anos e

² MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. *Questões & Debates*, Curitiba, n.34, 2001.

³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

⁴ THOMPSON, Paul. *A voz passado- História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

⁵ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

que tiveram seus partos realizados entre as décadas de 1960 a 1990. A escolha das entrevistadas se deu em função de terem sido acompanhadas por parteiras e residirem nas comunidades de Salinas, Santa Cruz do Piauí e São Bento, Pio IX – Piauí. Essas comunidades foram selecionadas pela facilidade de acesso para a realização das entrevistas. A comunidade Salinas fica a 40km do campus universitário no qual o artigo foi proposto⁶. Dona Maria de Jesus Neto, a única entrevistada dessa comunidade, é avó de uma colega de aula, e através dela, tivemos conhecimento da mesma. Já a comunidade São Bento, onde quatro das cinco entrevistadas residem, também é onde residimos. O que explica a maior concentração de entrevistas referidas a este espaço geográfico.

O roteiro de entrevistas contava basicamente com as mesmas perguntas para todas. No intuito de perceber que memórias possuíam dos trabalhos de parto feitos pelas parteiras e como essas se lembravam da transição para o meio hospitalar. São questionamentos como: a senhora teve seus partos feitos por parteira? Quantos foram? Como era a relação da senhora com a parteira? Quais os métodos que elas usavam para preparar a senhora para o parto? Chegou a fazer algum parto no hospital? Essas eram as perguntas principais de todos os roteiros, porém, no decorrer do diálogo outras perguntas foram sendo feitas de forma improvisada. Acreditamos que a fluência do diálogo ao ouvir as entrevistadas sobre aspectos não previstos por nós, apenas enriqueceu nossas fontes.

“Graças a Deus!”

As parteiras eram as responsáveis por partos de diversas mulheres ao longo da sua vida, por suas mãos passavam inúmeras crianças. Elas realizavam os procedimentos que estavam ao seu alcance para o bem estar da mãe e bebê. De acordo com as entrevistas realizadas, os cuidados com

⁶ Universidade Federal do Piauí – CSHNB – Picos, PI.

as mães resumiam-se a ajudar a conceber a criança por meio de auxílio como exames de toque, para ver se a criança já estava nascendo, massagens, chás e rezas. Como menciona a Dona Francisca, “Não, elas dava o toque e dizia; num é jaja não. E ai depois quando tava no ponto ela botava no jeito e tinha mermo.”⁷ Os procedimentos para os recém-nascidos eram de cortar o umbigo e fazer a limpeza. Como Dona Amélia menciona: “Só esperava, chegava ali a hora que nascesse a parteira pegava o menino, banhava, cortava o umbigo.”⁸ Como também relata a professora Anayansi Correa Brenes:

Tradicionalmente, os partos e seus cuidados eram realizados por mulheres conhecidas popularmente como aparadeiras, comadres ou mesmo de parteiras-leigas. Estas detinham um saber empírico e assistiam domiciliarmente as mulheres durante a gestação, parto e puerpério (como também nos cuidados com o recém-nascido).⁹

Ao analisar as falas das entrevistadas é possível notar a relação de amizade, que se estendia entre mães e parteiras. Um laço que tinha início, muitas vezes, na hora do parto e que perdurava para além daquele momento. Vemos isso ao perceber que a maioria das mães se referia a aquelas que lhes ajudara a trazer seus filhos ao mundo de “comadres”, como Brenes cita no fragmento acima. E como também podemos ver na fala de Dona Amélia “Foi, a primeira que assistiu comigo foi madrinha Sinhara, aí depois de madrinha Sinhara foi comadre Chica Berta, os outros. E... a derradeira foi comadre Chica Berta, e os outros foi comadre Caterina.”¹⁰ Comadre que é aquela em que suas mães confiam seus filhos, dando-lhe o título de madrinha.

⁷ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

⁸ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Amélia Laura da Costa de 74 anos.

⁹ BRENES, Anayansi Correa. História da Parturição no Brasil, Século XIX. Cad. Saúde Pública vol.7 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 1991. (p. 135)

¹⁰ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Amélia Laura da Costa de 74 anos.

O que também regia esses partos eram a fé e esperança. A fé dessas mulheres era o que lhes davam confiança na hora de botar no mundo um filho. Acreditavam que tudo estava nas mãos de Deus, e que ele faria o que fosse melhor para elas e para suas crianças. Não dependeria de médico ou parteira, suas vidas estavam entregues na fé que possuíam. Mas como diz Dona Maria Joana, quem rege as mãos das parteiras e do parto era Deus¹¹, e tudo dependia da vontade Dele:

Chamou lá em casa mãe vêi mais cumade Lenir e quando mãe chegou eu já tinha tido. Ai só fez cortar o imbigio e pronto. Cumade Chica disse: você é doida ter o menino só. Cumade o que eu ia fazer? Arriscado morrer. Eu: nam se for pra morrer podia tá em suas mão, só Deus que me livra a morte, uma partera num me livra não. Ela achou ruim que eu disse, mais num é mesmo?¹²

Essa fé na hora de parir também era demonstrada em um dos atos que as parteiras utilizavam nesse processo de parto que eram as rezas. “Dava, dava massagem, elas rezeva, assim (encenou como eram feitas as rezas) tinha as reza”¹³ – afirmou Dona Amélia. As rezas eram feitas na maioria das vezes para Nossa Senhora do Bom Parto, uma santa católica que carrega uma criança no colo e é considerada a santa para quem deve se recorrer para ter uma “boa hora”. Além das rezas que antecedem o parto, havia algumas que poderiam ser feitas posteriormente. As senhoras contam que caso as mulheres não “desocupassem”, ou seja, expelissem os restos do parto após sua finalização, deveriam ser realizadas rezas para que isso acontecesse. Dona Maria de Jesus relata uma dessas rezas: “Tinha que pegar na tripinha do imbigio e dizer assim: Santa Margarida, nem tô prenha nem tô parida, quem de vós favorecida, quero entrar no ramo das parida.

¹¹ Quando aqui for citada a nomenclatura “Deus” estaremos nos referindo à divindade principal da igreja Católica apostólica romana.

¹² Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Maria Joana da Conceição de 72 anos.

¹³ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Amélia Laura da Costa de 74 anos.

Ela dizia três vezes pra gente dizer também aí pulava fora as coisas que tava dentro.”¹⁴

O que também é interessante é o fato de não necessariamente esses procedimentos serem feitos por uma mulher com nome de parteira, mas na hora da urgência ou necessidade outra mulher, que já tenha tido experiência em parir, poderia ajudar. Como foi o caso da mãe de Dona Maria Joana, já citado anteriormente, que cortou o umbigo do próprio neto. Isso nos faz enxergar uma solidariedade feminina, sendo elas parteiras ou não. Porém, dona Maria de Jesus nos diz que apesar de qualquer mulher que já tenha parido poder auxiliar no parto, não era qualquer uma que poderia receber o título de parteira. Esse título era especialmente para as mulheres que tivessem mais “jeito” para o ofício. “É, não minha fia! Qualquer uma muié pega, só bastava ter a prática e o zelo com o menino, e as que tinha era muito procurada.”¹⁵ – Explicou dona Maria de Jesus.

Podemos então traçar algumas considerações acerca dos relatos já trazidos. Se nos atentarmos as falas, todas as mulheres fazem menção a suas crenças religiosas. Essas crenças também foram incorporadas na *arte de se fazer parir*. Isso nos leva a perceber detalhes da perspectiva dessas mulheres sob sua condição subjetiva de gestante/mãe/parteira. Sendo elas sertanejas, piauienses e interioranas, de famílias humildes e que na maior parte de suas vidas, como elas relataram, não tiveram acesso a um sistema de saúde que as amparasse. Buscavam amparo em suas crenças religiosas nesses momentos tão delicados. Exemplo disso é a oração citada, feita por parteira e mãe para que ela possa expelir “os restos” do parto.

Essa não é uma tentativa de julgar a credibilidade de crenças ou práticas, mas problematizar a religiosidade e inclusive alguns métodos

¹⁴ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos.

¹⁵ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos.

utilizados na hora do parto como partes das necessidades sociais vigentes naquele contexto.

De acordo com Alberti,¹⁶ podemos entender a memória como reflexo de uma ação que um dia foi concretizada. Para, além disto, ainda devemos perceber que a memória é uma escolha do que deve resistir, principalmente, quando esta é escolhida para ser oralizada. Passando dessa forma de uma memória individual para o meio coletivo.

Talvez essa representação seja a tentativa de não se enfurecer a cada vida perdida, uma vez que isso era comum. Atribuindo perdas ou ganhos a vontade de um Deus que não está ao alcance humano. Ou então caracterize a escassez de vias favoráveis de sobrevivência, empurrando os sujeitos a recorrerem a ideia do divino como rota de fuga.¹⁷ Ver as parteiras como mediadoras dessa vontade e incrementar a prática das mesmas ritos religiosos, mais uma vez afirma a necessidade de atrelar os desfechos apenas a responsabilidade superior. As orações são o único meio de comunicação e de assim interceder a estes por resultados favoráveis. Nossas fontes nos fazem perceber como a religiosidade não só molda as relações sociais, mas também o imaginário que se perpetua através destas. A religiosidade mais uma vez se configura como pilar de estruturação da criação e recriação da realidade individual e coletiva. E, desta mesma forma, regia não somente etapas dos partos, como a oração por uma “boa hora” e a de expelir “os restos”. Mas também toda a tradução que se fazia destes e de seus resultados.

Trabalhar com as subjetividades empregadas nas memórias de mulheres que passaram por tanto momentos marcantes, nos faz perceber que o trabalho dentro da historiografia é um ofício complexo. Que assim

¹⁶ ALBERTI, Verena. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro, 1996

¹⁷ DURKHEIM, Émile, 1858-1917. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália / Émile Durkheim ; tradução Paulo Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

como o de parteira, carrega significados diversos, missões subjetivas e encontra-se banhado de sensibilidades. É um dever do sensível, que tem que reaprender a olhar, para só então poder escrever.

Tais marcas de historicidade imagens, palavras, textos, sons, práticas - seriam o que talvez seja possível nomear como evidências do sensível. Mas, para encontrá-las, é preciso uma re-educação do olhar. O olhar-detetive do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens, falavam, amavam e morriam por outras razões e sentimentos.¹⁸

O olhar-detetive, em palavras menos românticas, se traduz na necessidade da existência de um método para trabalhar tempos distintos e sujeitos distintos. Não apenas representá-los, mas encontrar meios investigativos para fazer isso. Buscando compreender a complexidade de suas relações e identidades, dentro dos espaços múltiplos em que vinculam e atuam.

Toda nossa ciência se baseia no fato de que nós não construímos os passados a partir dos materiais existentes, senão que fundamentamos nossas representações deles, as corrigimos e as ampliamos mediante um procedimento metódico que se desenvolve a partir deste primeiro princípio.¹⁹

Memórias e narrativas: as práticas das “cachimbeiras”

A lembrança que se mantém viva na memória das entrevistadas acerca das parteiras é a de “mulheres boas”, cuidadosas e prestativas, que quando eram chamadas largavam tudo e corriam ao auxílio das mulheres que entravam em trabalho de parto, ou até mesmo antes disso, se dispondo a passar, se necessário, o mês inteiro em que estava previsto o nascimento do bebê, na casa das gestantes esperando chegar “a hora”.

É o que narrou uma de nossas entrevistadas, Dona Maria Henriqueta: “Era, os premeros Ciliro (esposo) ia buscar, ainda tinha marido. Aí depois ela

¹⁸ PESAVAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Colloques, mis em ligne le 04 février 2005. (p. 5)

¹⁹ DROYSEN, Johann Gustav. Historica. Lecciones sobre la Enciclopedia y metodologia de la historia. Barcelona, Editorial Alfa, 1983. *apud.* PESAVAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Colloques, mis em ligne le 04 février 2005. (p. 4)

ficô viúva podia sair, ai quando entrava o mês ela vinha pra denti de casa."²⁰ E Dona Francisca:

Não, já tava em casa. Cumade Chica vinha pra cá antes de eu ganhar e comade Zefa, finada Zefa, que chamavam Zefa Rabada vei também. Passava o mês aqui. Ai daqui antes de eu ganhar ela foi pegar o de comade Rosala, num sei eu acho eu era a finada Petronila que é da idade de Antonhe.²¹

Como já citado sobre as práticas existentes na hora de auxiliar o parto, eram na sua grande maioria massagens feitas na barriga, o consumo de chás e as rezas, que eram dirigidas a santas e santos pertencentes ao catolicismo, como por exemplo, santa Margarida²² mencionada na fala já citada de Dona Maria de Jesus.²³ As massagens além de aliviar as dores, eram feitas nos sentidos dos pés das mães, com o intuito de já estar ajudando o bebê a se deslocar e nascer. Por último, mas não menos importante, estava os chás preparados com diversas ervas. Um deles era o chá de pimenta. Acreditava-se que ela ajudaria a dar força a mulher, como podemos perceber na fala de Dona Maria de Jesus:

Ah não, a força a gente num tem coisa de botar força! Tinha assim, a gente tomava chá de pimenta, que nesse tempo era o que ajudava. Abastava tomar, a dor vea batia, e lai vinha o menino. Falica (Filho da Dona Maria), eu tive ele até sozinha. Quando a parteira chegou o menino já tava no chão. Mas porque? Porque eu tomei chá de pimenta e a apressou a dor, que era as coisas das cachimbeiras, que hoje não tem.²⁴

As mulheres não sabiam identificar a partir de quando que foram criadas/instaladas essas práticas. Tinham conhecimento das mesmas pela

²⁰ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Maria Henriqueta de Sousa de 78 anos.

²¹ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

²² Santa Margarida é uma santa cristã que foi incluída entre os “catorze santos auxiliares”, aos quais o povo cristão recorre pela intercessão nos momentos mais difíceis. Ela é solicitada para proteger as grávidas nos partos complicados. Informações disponíveis em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/calendario/santa-margarida-da-antioquia/#gsc.tab=0> acessado em: 05/08/2021 às 11h:08min pm.

²³ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos.

²⁴ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos.

transmissão oral entre gerações. Algo comum entre as entrevistadas era a nomenclatura empregada para identificar as mulheres que as auxiliaram no parto, as parteiras, como “cachimbeiras”. É o que podemos verificar nas falas da Dona Francisca: “Era muito boa, pra ser cachimbeira era boa de mais”²⁵ e da Dona Maria de Jesus: “Falar das cachimbeira? Veia cachimbeira que a gente chama.”²⁶

Analisando as falas citadas e as demais não referenciadas aqui, percebemos que eram chamadas de cachimbeiras porque fumavam em cachimbos, hábito comum da época e espacialidade a qual nos reportamos. Não que todas fumassem cachimbos, mas foi uma representação que se criou ao redor de todas por algumas fumarem, e como havia poucas, todas acabavam sendo vistas assim. Algo normatizado e reproduzido como podemos ver na fala de Dona Francisca. Que quando questionada sobre o porquê de chama-las assim, respondeu: “Num sei não, besteira.”²⁷ Isso nos leva a crer que foi algo passado entre gerações. Sendo que a geração a qual tivemos acesso pelas entrevistas, como a de Dona Francisca ou Dona Maria de Jesus, nem sequer sabiam o motivo da nomenclatura. Estando apenas reproduzindo algo absorvido da oralidade presente nos ciclos de convivência.

Essa reprodução citada acima é fruto de uma construção de narrativa anterior a elas. No caso das nossas entrevistadas, é possível perceber que as mesmas não tiveram contato com o surgimento, nem com a motivação do termo. Chegando a elas apenas a expressão – cachimbeira - que foi repassada entre as gerações que tiveram acesso a formação da expressão e sua usualidade vigente da época. Sobre isso, cabe reproduzir a seguinte afirmação de Walter Benjamin: “O narrador retira o que ele conta da

²⁵ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

²⁶ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos

²⁷ Idem.

experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”²⁸ Desse modo, é importante perceber que existe uma sensibilidade no ouvir muito mais do que no falar, pois é esse o momento em que se tem maior compreensão daquilo que o narrador está querendo lhe transmitir, mesmo que este não transcreva em sua fala todas as intenções cogitadas. Sua narração é voltada ao convencimento do ouvinte, até mesmo na ocultação de fatos ou versões que não correspondam a sua forma perceber o contexto citado. Não colocamos esta como uma contestação das narrativas, mas como uma não romantização histórica das fontes. E para além, como um chamado a reparar os diversos nuances que uma narrativa pode ser capaz de transparecer.

O trabalho reporta as memórias não apenas das entrevistadas, mas de todas aquelas que vieram antes delas e repassaram esses traços e memórias. A noção de memória coletiva exposta por Portelli²⁹ permite entendermos que, em algumas das falas citadas, nem as próprias entrevistadas tiveram acesso ao fato histórico que originou tal memória. Isso porque, de acordo com o mesmo, a memória coletiva que muito delimita na individual é uma construção social/cultural. Que pode inclusive anteceder ou perpassar as vivências obtidas pelos sujeitos que a transmitem. Portanto, isso explica nossa afirmação anterior, em que alguns pontos citados pelas entrevistadas não foram vivenciados por elas, mas sim, repassados socialmente. Principalmente dentro da “comunidade feminina” que repassava muitas das suas experiências como ensinamentos aptos a repetição.

²⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 217.

²⁹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

Espaço feminino e assuntos proibidos

Quando sugerimos às senhoras uma entrevista sobre seus partos, buscando obter conhecimento de como teriam sido feitos, e suas relações com as parteiras, encontramos certa resistência por parte delas para tratar do assunto. Essas resistências só foram vencidas após conversas e explicações sobre o motivo de tais entrevistas. O que nos levou a perceber que certos assuntos eram evitados até entre mulheres que se conheciam e conviviam. Esses assuntos são de foro íntimo, os quais causavam desconforto e vergonha. É o que podemos observar na fala de Dona Maria Joana. Quando mencionamos o tema da entrevista – os partos –, ela exclamou: “Minha fia, e você quer mesmo saber dessas coisas feias?”³⁰

A fala citada remonta a necessidade de experiências para ter acesso a alguns assuntos. Essa “experiência” está voltada às vivências do casamento e por consequência da maternidade. Já que em meados do século XX havia com mais ênfase a distinção do que seria assuntos e situações apropriados para mulheres, principalmente ainda na mocidade. Quando acreditava-se que não haviam feito contato com esse universo da sexualidade e seu desenrolar. Lembrando, que também nessa época a gravidez era algo detido dentro dos casamentos e não deveria ser vivenciado por mulheres solteiras. Sobre a necessidade de experiências como casamento e maternidade para adentrar nesses assuntos, a autora Karen Christine Rechia nos diz:

Pode-se afirmar que o parto realmente constituía-se numa certa iniciação e aceitação numa esfera mais íntima. Não bastava apenas estar casada para participar de um universo feminino que incluía algumas conversas privadas, as visitas do resguardo, a assistência às vizinhas no momento do parto. Nem mesmo a primeira gravidez

³⁰ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Maria Joana da Conceição de 72 anos.

conferia às mulheres o direito a esses assuntos: somente a partir do primeiro parto assumiam certo status.³¹

Embora seja possível ver essa “vergonha” em algumas mulheres em falar sobre determinados assuntos, é essencial destacar que isso é algo em constante mudança. O “espaço feminino”³² contemporâneo, na sua maioria, levando em consideração os muitos campos e aspectos distintos que as mulheres ocupam, vem passando por transformações no que diz respeito a esse constrangimento em debater temas que se pautem na sua sexualidade, feminilidade e etc. Principalmente as gerações mais recentes que sucedem nossas entrevistadas, buscam uma forma de compartilhar suas histórias de vida e experiências como inspiração e encorajamento para outras mulheres. Em uma era digital em que os corpos se comunicam a distância, consideramos esse movimento de liberdade de expressão sobre si importante por enfatizar a necessidade de entendimento dessas mulheres para com suas demandas. Isso está dando forma a um movimento para libertar o corpo feminino dos paradigmas que havia. Exemplo disso é nossa disponibilidade para trabalhar historicamente tais assuntos. Ao mesmo tempo em que estas senhoras que não fariam sobre seus partos por considerarem intimistas demais, na época em que os vivenciavam, agora nos relatam com certo conforto e humor suas memórias.

Dentro de tais apontamentos podemos perceber as subjetividades presente dentro das relações que compunham o espaço feminino das entrevistadas. O que essas mulheres buscavam em suas semelhantes eram vivências em comum. Deste modo, as semelhanças às aproximavam e oferecia a cada uma um lugar dentro das rodas de conversas e ajudas

³¹ RECHIA, Karen Christine. Memória e experiência: narrativas femininas sobre uma prática cultural. MÉTIS: Jul./dez. 2007. v. 6, n. 12. p. 91.

³² Aqui não nos referimos aos espaços geográficos citados, mas sim a teia de relações, crenças e experiências que podem ou não ser compartilhadas por sujeitos femininos em determinados recortes temporais. Tendo também o entendimento de que mulheres não necessariamente vão estar ligadas pelo auto declara-se feminino ou por encontrar-se no mesmo espaço cronológico.

desejadas. Como já mencionado nas ocasiões de partos e pós. O pertencimento a esse espaço era muito subjetivo e, embora, no contexto em questão houvesse o condicionamento social da mulher para a maternidade, ainda não se fazia suficiente para adentrar nos momentos de parturição. A menos que já houvessem, assim como a assistida em questão, passado pela experiência de parir. A partir disso, podemos nos voltar aos escritos de Suely Rolnik que caracteriza a subjetividade na relação dos sujeitos modernos como uma repulsa ao estranho, buscando no outro uma identificação de si.

Em suma, o sujeito moderno é tutelado pelo terror ao estranho-em-nós, terror a esta ruptura de sentido da língua oficial de sua suposta identidade. Em outras palavras, trata-se de uma subjetividade fundamentalmente marcada por um racismo contra o estranho, um racismo contra tudo aquilo que não repõe um idêntico a si mesmo. E se entendemos que este estranho que o habita, é a voz da essência diferenciadora da vida tal como se traduz na subjetividade, podemos dizer que a subjetividade moderna se funda numa impotencialização da vida.³³

O espaço menino que trabalhamos a partir dos relatos orais não se isenta de tal percepção quando analisadas suas relações internas. O que nos faz perceber as particularidades de contato existentes dentro do recorte ao qual nos voltamos. E, da mesma forma, analisar que esse ainda é um processo em constante reconstrução/desconstrução. Exemplo disso, como já mencionado, é a abertura dessas narrativas entre senhoras que já vivenciaram a experiência de parir, para conosco, jovens que além de não ter passado por tal etapa, ainda se propõem a divulgar tais episódios dentro do universo acadêmico. Podemos então sugerir que suas subjetividades estão ganhando novos moldes a partir dos contatos que colecionam dentro de mais de sete décadas.

Das mãos das parteiras para as salas dos hospitais

As últimas décadas do século XX no recorte espacial delimitado constitui-se em um processo gradativo de mudança nos partos, em que

³³ ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. Rua, Campinas, SP, v. 1, n. 1. p. 49 - 61, 2005. (p. 53)

algumas mulheres saem das mãos das parteiras e dirigem-se as mãos de enfermeiras, na sua grande maioria, e médicos. Consideramos necessário destacar que uma prática não exclui a outra, e que esse processo não rompe de forma abrupta com a atuação das parteiras. Até porque, como veremos a seguir, nem todas se encontravam com centros médicos a seu dispor, assim como nem todas simpatizavam com o parto hospitalar.

Dando continuidade, a partir do recorte temporal mencionado é inserido na “espaço feminino”, aqui trabalhado, um novo molde social referente à parturição que começa a ser trajado com equipamentos novos e salas preparadas para urgências e obstáculos existentes na hora do parto. Isso se demonstra nas falas de nossas entrevistadas, como a Dona Francisca, que diz: “Não, mudava muita coisa por que a gente indo pro hospital vai lá pra cima daquele gancho vei medonho (muitas risadas) muda muita coisa né. E em casa é em casa mermo né”³⁴, ou Dona Maria Henriqueta que passou por uma cesárea no último parto: “era, eu passei sete dias no hospital, só vim do hospital quando tirô os ponto, com sete dia”³⁵, além disso ela relata que o parto que teve no hospital foi o de maior agrado para a mesma, porém, não nos revelou o motivo, mas sempre afirmando que era o que preferia, entre todos os partos.

Entretanto, ao falar com Dona Maria de Jesus, ela nos traz outra opinião. Ao ser indagada se já havia ido ao hospital para ter algum dos filhos, respondeu: “Não minha fia, graças a Deus não. Deus ajudou que sempre eu tive meus fi sossegada em casa.”³⁶ Em sua fala nota-se o pensamento de desconforto em sair de casa e dirigir-se até um hospital, vendo isso como uma situação ruim, sem muito agrado. Mostra a lembrança

³⁴ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

³⁵ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Maria Henriqueta de Sousa de 78 anos.

³⁶ Entrevista realizada pela autora, no dia 24/05/2018, em Santa Cruz – PI, a Maria de Jesus Neto de 74 anos.

que todos os seus partos não tiveram grande dificuldade e sempre foram feitos por outras mulheres. Além disso, pode-se perceber que como o acesso aos hospitais dependia de um deslocamento até uma cidade mais desenvolvida – considerando que todas as entrevistadas residiam na zona rural de seus municípios –, recorrer a eles era considerado por a senhora Maria de Jesus como sinônimo de dificuldade na hora do parto. Partindo principalmente da fala de Dona Maria de Jesus é coerente percebermos as sensibilidades existentes nesse processo de medicalização. Sendo que estas podem recorrer a aspectos menos racionais de avaliação da realidade. Nós, sujeitos contemporâneos, podemos enxergar a possibilidade de partos hospitalizados como um benefício irremediável da modernidade, no entanto, Dona Maria de Jesus se destoa do nosso parecer. Uma vez que suas sensibilidades foram construídas em outro contexto, e, por tanto, o avanço da medicina não ofuscava para ela o brilho já conhecido dos partos naturais realizados por outras mulheres. Já que esse rito social estava agregado a seu íntimo a partir de sua vivência coletiva e experiências individuais. A historiadora Sandra Pesavento³⁷ relaciona o entendimento da sensibilidade como uma outra forma de apreensão do mundo que não seja necessariamente o conhecimento científico. As sensibilidades para autora, corresponde a percepção e tradução da experiência humana que se encontra em construção da do imaginário social. Esse “conhecimento sensível”, como observa a autora, opera como uma maneira de reconhecimento e tradução da(s) realidade(s) que nasce dos sentidos, do íntimo de cada indivíduo.

Ao refletirmos sobre o ofício das parteiras e seu elo íntimo com as parturientes, podemos afirmar que “partejar”, assim como se permitir parir em mãos de mulheres permeadas por saberes milenares, expressam um sentimento de confiança, intimidade e solidariedade. As sensibilidades,

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Colloques, mis en ligne le 04 février 2005.

como bem expressa à relação de acompanhamento não apenas no momento do parto, mas também a espera do ápice desse momento, considerando que há uma variação de tempo para mais ou para menos da semana prevista para o nascimento. Tendo acontecido, como já mencionado, que havia casos da parteira passar o mês do nascimento inteiro na casa da gestante, Deixando de cuidar de sua casa, filhos e marido para dar assistência a sua assistida. Ainda nesse sentido, podemos enumerar os convites para amadrinhar a criança na qual a parteira tenha ajudado a nascer. Selando dentro de suas crenças uma relação de confiança e permanência na vida da família.

Dona Francisca nos traz uma visão interessante, onde ela deixa transparecer que embora tenha tido dificuldades no último parto e tenha recorrido ao hospital, tudo dependia da vontade de Deus, mais uma vez retomando a fé dessas mulheres, pontuou: “Não, tudo foi bom, Deus dando a boa hora todo ele é bom. Mas lá nos médico é mais seguro que se precisar de qualquer coisa já tá lá né.”³⁸ Mais uma vez podemos perceber as subjetividade voltadas para suas crenças e vivências. No entanto, não podemos descartar que em algumas de suas falas também pode ser percebido que a chegada da medicina hospitalar até essas mulheres, trouxe mais conforto a seus corações, além da fé e do auxílio das parteiras. Pois poderiam contar, se assim desejassem e conseguissem, com profissionais da saúde qualificados (as) para aquilo que se propunham a realizar e com medicamentos como “as injeções de força” citadas por boa parte das mulheres com as quais falamos. Assim como outros métodos para se recorrer quando a criança tivesse dificuldades ao nascer ou nascesse com algum problema, como o “balão” que é o cilindro de oxigênio, ambos são citados na fala de Dona Francisca, que teve problemas no parto do último filho: “Não ele nasceu quase morto, tomou injeção em correa de imbigio e ficou

³⁸ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

no balão e era preto, preto que nem carvão, ficou foi preto, ele é moreno mas ficou foi preto. Quais num nascia e quando nasceu tava passando de tempo."³⁹

Acerca do contato entre os ambientes hospitalares e o corpo da mulher, buscamos nos aprofundar nos escritos de Elisabeth Vieira,⁴⁰ para lançar outro olhar sobre este processo. Este, ao qual ela descreve como medicalização do corpo feminino possui outros semblantes para além do descrito no parágrafo anterior. E, para ela, funciona também como um disciplinador do corpo feminino e dos saberes sob este. O que antes eram assuntos da comunidade feminina e de seu domínio dentro do processo de medicalizar o corpo se transformam em um saber monopolizado pela área medica, que evolui futuramente para a ginecologia e obstetrícia. A área medica, por sua, no início deste processo era majoritariamente construído por personagens masculinos, revertendo assim o lugar do conhecimento sobre o corpo feminino que ficava nas mãos de parteiras e demais senhoras para um manejo masculino. Dessa forma, a autora destaca uma perda do pouco controle que essas mulheres tinham sob suas etapas femininas ao longo da vida, pois aos poucos tais conhecimentos iam sendo confinados aos saberes médicos. O que para ela acarretou também em uma forma de controle do corpo e da sexualidade do feminino, desapropriando as mulheres de um lugar de conhecimento acerca delas mesmas.

Tendo tais pontos em explanação, podemos nos voltar a ver o contraste possível a partir da introdução das modernidades como centros médicos de acesso cada vez mais amplo em todo o território piauiense. Onde a notícia de mãe ou bebê morrerem é cada vez mais rara e também surpreendente. Pois com o acesso facilitado e a medicina avançando em

³⁹ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Francisca Caroline da Costa de 70 anos.

⁴⁰ VIEIRA, Elisabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

passos largos se torna natural o oposto do que essas mulheres viveram em seus trabalhos de parto. Torna-se normal trazer crianças ao mundo sem colocar em risco a vida da mãe ou do próprio feto. Porém, uma das implicações que essa modernidade trouxe foi a provável extinção de práticas como as das parteiras. Inclusive através de uma desconfiguração da mesma como retrógrada ou ineficaz, tendo em vista a roupagem tecnológica que a parturição ganha com o tempo dentro dos espaços médicos. Exemplo disso é que não foi possível encontrar nenhuma das parteiras citadas ou até outras que, embora não citadas, exercessem o ofício. Tudo indica que com a introdução do saber médico essa prática deixou de ser repassada oralmente entre as mulheres, e, assim como ela, suas praticantes acabaram por resistir apenas nas memórias de suas assistidas.

Ao falar sobre modernidades é necessário enfatizar que aqui trabalhamos esse conceito a partir do artigo de Jorge Botelho Moniz⁴¹ que tanto diz respeito ao fluxo moderno previsto e acompanhado por nós, como a instalação de hospitais e centros obstetras, facilitando o acesso à saúde como também as discontinuidades não previstas nessa ideia ocidental continua de mudança e aceleração dos moldes sociais. Tanto é que podemos acompanhar nas falas das entrevistadas que mesmo com a possibilidade de acesso, algumas mulheres ficaram felizes por não precisar ir aos hospitais.

Atualmente mesmo com maior aceitação e facilidade no uso das instalações hospitalares, muitas mulheres optam por outras modalidades de parto, como a antiga arte da parturição aqui citada. Essa que era a regra ao longo do século XX torna-se a exceção. E o que podemos acompanhar dessa corrida pela modernidade é o social e o estado passam a estipular

⁴¹ MONIZ, Jorge Botelho. Múltiplas modernidades, múltiplas secularizações e secularização contextual: novas perspectivas sobre o estudo sociológico da religião. *Religião & Sociedade*, v. 37, n. 3, p. 125-149, 2017.

quais conhecimentos e práticas são válidas. Uma vez que a medicalização do corpo dentro de instituições do Estado, também funciona como meio para controle de natalidade, mortalidade e especificações de manutenção dos corpos, como bem defende Foucault.⁴² Atuando não apenas como um controle social, mas também individual, através da validação médica que promete e exige que os sujeitos mantenham o bem estar desse corpo. Bem estar esse que consideramos ser mais importante para a manutenção do coletivo do para os fins dos próprios indivíduos.

Ainda de acordo com Hall,⁴³ podemos identificar ao longo do processo relatado nas falas, o que o mesmo caracterizou como “celebração móvel da identidade”. Uma vez que essa não é estipulada “biologicamente e sim historicamente” no decorrer dos processos socioculturais. O processo de medicalização também atua na construção de novas identidades coletivas e individuais dessas mulheres. Que presenciaram a transformação de suas tradições⁴⁴ diante de seus corpos físicos e sociais. Sendo elas, portanto, corpos ativos dentro dessa reconstrução. A identidade, portanto, se apresenta como um ciclo contínuo de alterações. Que recebe acréscimos do meio coletivo em que se encontra e das vivências individuais que possui. Nossas entrevistadas tiveram suas identidades moldadas por acontecimentos históricos que podem ou não ter mudado sua percepção acerca de partos. Mas o que queremos destacar é a possibilidade de construção que existe dentro de cada processo. Fazendo com que a identidade, mesmo em um contexto não tão caótico e veloz dentro de modernidades aceleradas, seja uma obra em constante remodelagem.

⁴² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si* / Michel Foucault: Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

⁴³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro - 11, ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

⁴⁴ HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.

Nossa intenção não é a de validar os processos ou seus resultados, mas documentar os encaminhamentos históricos que se deram a partir destes. A parturição, dentro do recorte aqui estipulado, nos faz perceber nuances subjetivos socioculturais que se formaram dentro das sensibilidades presentes nas memórias dessas mulheres. As representações das cachimbeiras e as permanências e rupturas destacadas, nos fizeram enveredar por um contexto social ao qual não alcançamos, mas estamos nos propondo a investigar.

Considerações finais

Gostaríamos de chamar atenção para resistência dessas mulheres que não tinham recursos financeiros para buscarem meios mais avançados de cuidados, como a medicina hospitalar. Nem tiveram contato com tais meios ao longo da vida, fazendo com que essa fosse uma realidade distante das suas. Embora já tenhamos abordado no decorrer do trabalho relatos acerca dos partos em hospitais, essa ainda era opção pouco acessível para a classe aqui representada. Que se constitui como uma "comunidade feminina" sertaneja e pobre, que em meio a um contexto de necessidade prestavam ajuda mútua entre elas.

Também gostaríamos de ressaltar o importante papel social realizado pelas parteiras, que mesmo com poucos recursos faziam o possível para que os partos dessem certo. Mesmo que muitas vezes, embora fizessem o que estava a seu alcance, acabaram por ver mãe e/ou filho morrendo em suas mãos.

Murria, a mãe e o bebê. De premero morreu muitas muié, porquê não tinha médico, não tinha como socorrer, só se pegava com Deus. Na antiguidade murria muito de parto, que as vezes o menino nascia mais dava hemorragia, aí o que que ia fazer? Não tinha remédio. Hoje em dia não, hoje ta mais fácil só morre se for pra morrer, porquê tem remédio, tem cirurgia, tem remédio pra cortar o sangramento e de premero não tinha não.⁴⁵

⁴⁵ Entrevista realizada pela autora, no dia 20/05/2018, na comunidade São Bento, Pio IX – PI, a Maria Joana da Conceição de 72 anos.

O triste relato de partos que não foram bem-sucedidos não desfaz a trajetória percorrida pelas parteiras, nem a certeza de que fizeram a diferença na vida de muitas mulheres. Apenas estamos evidenciando um fato recorrente do ofício e da realidade feminina da época. No intuito de nos distanciar da romantização histórica que muitas vezes é feita sob uma situação precária, na justificativa de que alguns sujeitos conseguem contorná-la.

Consideramos que nossos objetivos de escrita foram alcançados. Não apenas por trazer os traços das tradições piauienses a historiografia, por sua vez majoritariamente oralizadas, mas também por demonstrar a importância de tais práticas, em um contexto onde elas eram extremamente necessárias. Ainda gostaríamos de pontuar que o objetivo de conhecer as práticas das parteiras através das memórias das entrevistadas, foi contemplado no decorrer do texto. Assim como a problematização proposta acerca das subjetividades nas narrativas obtidas em dois mil e dezoito na coleta das falas. Em que pudemos identificar não apenas recortes de memórias sobre partos, mas também diversos aspectos socioculturais do contexto histórico em que elas estavam inseridas e suas sensibilidades presentes nos variados contextos. Recolher memórias vai muito além do que é perguntado ou dito. Compreender as vivências e sociabilidades de sujeitos que permeiam outras épocas está muito ligado ao ato de ouvir suas lembranças e perceber os nuances deixados pela fala.

Por fim, acreditamos que método e temática, aqui propostas, são necessárias a historiografia e a sociedade no geral. O método possibilita que mais lados da história tenham suas histórias ouvidas. E o recorte temático ainda pouco trabalhado, considerando o número de trabalhos encontrados na pesquisa bibliográfica, nos remete a necessidade de entender os processos pelos quais as gerações de mulheres anteriores a nós, passaram. O que provavelmente irá nos permitir contemplar com mais propriedade os processos em que nossa geração está imersa. Para finalizar, este trabalho

também tem por objetivo abrir caminho para que novos escritos sejam produzidos, e, que este ou outros tantos recortes ainda resguardados em memórias sejam trazidos para a História escrita.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012
- BRENES, Anayansi Correa. História da Parturição no Brasil, Século XIX. *Cad. Saúde Pública* vol.7 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 1991.
- DURKHEIM, Émile, 1858-1917. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália / Émile Durkheim ; tradução Paulo Neves*. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOCAULT, Michel. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si / Michel Foucault*: Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade / Stuart Hall*: tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro - 11, ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. São Paulo: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. "História e memória". 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade*. *Questões & Debates*, Curitiba, n.34, 2001.
- MONIZ, Jorge Botelho. *Múltiplas modernidades, múltiplas secularizações e secularização contextual: novas perspectivas sobre o estudo sociológico da religião*. *Religião & Sociedade*, v. 37, n. 3, p. 125-149, 2017.
- PESAVAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades no tempo, tempo das Sensibilidades*. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Colloques*, mis em ligne le 04 février 2005.
- PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1996
- RECHIA, Karen Christine. *Memória e experiência: narrativas femininas sobre uma prática cultural*. *MÉTIS: Jul./dez. 2007*. v. 6, n. 12, p. 91.
- ROLNIK, Suely. *Subjetividade e história*. *Rua*, Campinas, SP, v. 1, n. 1. p. 49 - 61, 2005.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.